Lição 3: Argumentos contra Anaxágoras e Empédocles

991. Após apresentar as razões que mostram que o movimento sempre existiu, o Filósofo apresenta aqui argumentos contra Anaxágoras e Empédocles, que sustentavam o contrário. Sobre isso, ele faz duas coisas:

Primeiro, apresenta um argumento contra a posição deles;

Segundo, contra o argumento que eles pressupunham, em 992.

Ele diz, portanto, primeiro que, tendo sido demonstrado que o movimento sempre existe, é errado afirmar, como fizeram Empédocles e Anaxágoras, que ora o movimento existe e ora não existe; pois fazer tal afirmação é uma ficção, porque não tem fundamento. Algo afirmado sem razão ou sem o apoio da autoridade divina parece, de fato, ser uma ficção. No entanto, a autoridade divina tem mais valor do que a razão humana, muito mais do que a autoridade de um filósofo é mais valiosa do que o argumento fraco que alguma criança poderia dar. Portanto, o que é sustentado pela fé, mesmo que seja crido sem argumento, não é uma ficção da mente, porque acreditamos na autoridade divina confirmada por milagres — obras que só Deus pode realizar.

992. Em seguida (763) ele objeta contra o argumento no qual eles se baseavam. Sobre isso, ele faz três coisas:

Primeiro, sugere que o argumento deles é inadequado;

Segundo, que era mais inadequado para a posição de Anaxágoras do que para a de Empédocles, em 993;

Terceiro, mostra que mesmo segundo a opinião de Empédocles é inadequado, em 994.

Ele diz, portanto, primeiro (763) que também parece uma ficção que alguém, ao afirmar que o movimento ora existe e ora não existe, apresente como razão que isso é assim porque é natural que seja dessa maneira, e então acrescente que essa afirmação deve ser aceita como princípio. Ora, é isso que Empédocles parece dizer, a saber, que a situação pela qual durante um período de tempo as coisas mantêm a amizade, e durante outro são governadas pela discórdia que põe as coisas em movimento, mas no intervalo estão em repouso, deve-se a uma espécie de necessidade nas coisas. Isso é como dizer que a razão pela qual o calor aquece é que tem que ser assim, e que o calor aquece deveria então ser aceito como princípio. Isso é exatamente o que Empédocles faz, quando toma como princípio que é por uma ordenação da natureza que as coisas são ora movidas pela amizade, ora pela discórdia, e ora estão em repouso.

Talvez Anaxágoras também, e outros que postulam um único princípio ativo, falariam de modo semelhante, a saber, que devemos aceitar como princípio que o movimento começou a existir após não existir por um período infinito de tempo.

993. Em seguida (764) ele mostra que Anaxágoras usou esse argumento de maneira mais inadequada do que Empédocles. Pois é claro que quando algo é estabelecido como princípio, deve ser aceito como estando de acordo com a natureza da coisa, i.e., que a natureza da coisa é tal que tal coisa lhe pertence. Assim, aceitamos o princípio de que o todo é maior que a parte, porque é a própria razão e natureza do todo exceder a quantidade da parte. Portanto, quando Empédocles diz: "É natural que seja assim", ele nos dá a entender que isso deve ser aceito como princípio. Anaxágoras teria dito o mesmo, embora não o tenha expressado.

Mas é claro que nenhuma coisa natural nem nada que pertence naturalmente às coisas pode existir sem ordem, porque a natureza é causa de ordem. Pois vemos que a natureza em suas obras procede ordenadamente de uma coisa a outra. Portanto, tudo o que não possui ordem não é segundo a natureza e não pode ser chamado de princípio.

Mas dois infinitos não têm ordem um em relação ao outro, porque não há proporção entre um infinito e outro, enquanto toda ordem é uma espécie de proporção. Assim, evidentemente não é obra da natureza que as coisas repousem por um tempo infinito e depois comecem a ser movidas por um tempo infinito sem que haja, entre esse tempo e aquele, qualquer diferença para explicar por que o movimento ocorre agora e não antes; assim como não é obra da natureza não atribuir alguma outra ordem entre as duas coisas, de modo que quando uma cessa a outra começa e o movimento ocorre, como Anaxágoras postulou. Estas não são obras da natureza, porque tudo o que está na natureza ou é sempre o mesmo e não ora de um jeito e ora de outro — como o fogo sempre se move para cima — ou há alguma razão pela qual não é sempre o mesmo, como, por exemplo, os animais não continuam crescendo para sempre, mas chegam a um ponto em que começam a diminuir — e para isso há uma razão.

Assim, não parece ser segundo a natureza que por um tempo infinito as coisas estejam em repouso e depois comecem a ser movidas, como Anaxágoras supôs.

Portanto, é melhor dizer, como Empédocles disse — e aqueles que acreditavam como ele — que todo o universo está em repouso em um tempo e em movimento em outro, porque ao menos neste caso haveria ordem, pois pode haver uma razão entre um finito e outro.

Deve-se, no entanto, considerar que o dogma da nossa fé não é semelhante à posição de Anaxágoras, pois não supomos antes do mundo quaisquer extensões infinitas de tempo que tenham de ser relacionadas a um tempo posterior; antes, antes do mundo começar, existia apenas a simples eternidade de Deus, e esta está fora do gênero do tempo.

994. Em seguida, em (765), ele mostra que o argumento acima mencionado também não se aplica à situação de Empédocles.

Primeiro, ele explica a proposição;

Em segundo lugar, rejeita uma interpretação falsa, em 995.

Diz, portanto, primeiro (765) que mesmo o defensor da teoria de Empédocles não deve afirmar apenas o fato, mas também explicar a causa de sua afirmação e não ir além do que é exigido pela causa que ele atribui. Nem deve aceitar nada como axioma, isto é, como princípio sem razão; antes, o que quer que seja aceito como princípio deve ser explicado, seja por indução, como se faz no caso dos princípios naturais baseados na experiência sensível, seja por demonstração, como no caso daqueles princípios que são provados por princípios anteriores. Mas Empédocles não faz isso. Concebendo que ele postula a amizade e a discórdia como causas, no entanto, não é propriedade da amizade ou da hostilidade que uma deva causar movimento após a outra. Pois não é da natureza da amizade transformar-se em hostilidade, ou vice-versa; embora seja da natureza da amizade unir e da hostilidade separar.

Mas se é ainda determinado que em um tempo uma une e em outro a outra separa, deve-se esclarecer ainda mais por instâncias definidas nas quais isso ocorre. Por exemplo, que a amizade une e a discórdia separa manifesta-se entre os homens, porque pela primeira os homens se unem, mas pela segunda fogem uns dos outros. Assim, Empédocles supôs que isso é o que acontece em todo o universo, porque parece acontecer em certos casos. Mas que, segundo períodos iguais, a amizade deva mover em um tempo e a discórdia em outro, precisa ser apoiado por argumento, já que isso não é visto acontecer entre os homens.

995. Em seguida, em (766), ele rejeita uma suposição falsa. Pois alguém poderia acreditar que o que é eterno não tem causa, já que tudo o que observamos como causado entre nós é algo que começa a ser novamente. Consequentemente, pareceu a alguns que, quando uma discussão alcançava algo que sempre existiu, não havia necessidade de investigar mais por uma causa ou uma razão. Nessa linha, Empédocles poderia dizer que a amizade e a discórdia sempre causaram movimento segundo tempos iguais e, portanto, nenhuma razão para isso precisa ser buscada. Mas Aristóteles descarta isso dizendo que é uma suposição errada supor que temos um primeiro princípio adequado em virtude do fato de que algo é sempre assim ou sempre acontece assim. Dessa forma, Demócrito reduziu todas as causas que explicam a natureza a algo que existe sempre: ele atribuiu um princípio para as coisas que começam a ser novamente, mas não procuraria um princípio para o que sempre foi. Ora, isso é verdade em algumas coisas e não em outras. Pois é claro que um triângulo sempre tem três ângulos iguais a dois ângulos retos, mas mesmo dessa propriedade eterna há uma causa além do fato. Mas algumas coisas são de fato eternas, como os princípios, que não têm causa.

996. Deve-se prestar atenção muito especial ao que aqui é dito, porque, como é mencionado na *Metafísica* II, a disposição das coisas na existência e na verdade é a mesma. Portanto, assim como algumas coisas são sempre verdadeiras e ainda têm uma causa de sua verdade, Aristóteles entendeu que existem alguns seres eternos, a saber, os corpos celestes e as substâncias separadas, que, no entanto, têm uma causa de existência.

Disto é evidente que, embora Aristóteles tenha postulado um mundo que era eterno, ele não acreditava que Deus não seja a causa da existência do mundo, mas apenas de seu movimento, como alguns sustentaram. Finalmente, ele conclui sua proposição principal com um resumo. E diz: "Que isto conclua o que temos a dizer em apoio à nossa afirmação de que nunca houve um tempo em que não houvesse movimento e nunca haverá um tempo em que não haverá movimento."

Revision #2
Created 27 September 2026 18:49:26 by Admin
Updated 1 October 2026 23:54:11 by Admin